
Gestão da identidade nas mídias sociais: a representação de mulheres atletas com deficiência no Instagram^{1,2}

Tatiane HILGEMBERG³

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

As atletas paralímpicas têm, cada vez mais, utilizado as mídias sociais para se autorrepresentarem e tomar o controle da narrativa sobre seus corpos, histórias e deficiências. Empregando a análise de conteúdo buscamos explorar as formas de autorrepresentação feitas por duas atletas paralímpicas, uma brasileira e uma norte-americana, no Instagram. Nossos resultados preliminares apontam que as postagens tendem a girar em torno dos Jogos Paralímpicos, também apresentam performances de beleza e feminilidade. Há algumas diferenças nos conteúdos produzidos, enquanto a brasileira tende a focar em sua identidade enquanto atleta a norte-americana reforça padrões de beleza e feminilidade.

PALAVRAS-CHAVE

gênero; deficiência; esporte; atletas paralímpicas; Instagram.

INTRODUÇÃO

Gerschick (2000) nos alerta que para contextualizar a experiência de mulheres e homens com deficiência é preciso estar atento a três conjuntos de dinâmicas sociais: o estigma associado à deficiência; o gênero como processo interacional; e a importância do corpo para a performance de gênero. Assim, ainda segundo esse autor, para terem suas performances de gênero validadas as pessoas com deficiência precisam, primeiro, ser reconhecidas enquanto sujeitos. Percebemos então que corpo é central nesse processo de reconhecimento do gênero, uma vez que é o local onde ele é performado. Para o corpo das pessoas com deficiência que, muitas vezes, é apagado e invisibilizado, o tipo de deficiência, bem como sua extensão e sua visibilidade (se são mais ou menos perceptíveis ao olhar) mediam o grau de comprometimento social desse corpo. Para deixar ainda mais clara essa relação, Gerschick (2000) aponta que crianças que nascem com alguma deficiência severa terão uma designação de sexo, porém aqueles que as rodeiam terão baixas expectativas quanto à performance e reconhecimento de gênero, enquanto crianças com deficiências menos severas ou menos perceptíveis poderão experimentar as categorias

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Essa pesquisa foi realizada com financiamento da Fulbright.

³ Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRR, email: tatianehilgemberg@gmail.com.

de gênero de forma diferente. Além disso, no caso de a deficiência ter sido adquirida, a pessoa em questão já possui experiências com gênero, assim sua validação enquanto homem ou mulher (caso opte por decidir entre ambos) acontecerá de forma diferente. “Dessa forma, para as pessoas com deficiência, o gênero é condicional” (Gerschick, 2000, p. 1265, tradução nossa).

Garland- Thomson (2004) propõe a teoria feminista da deficiência a partir de uma perspectiva interseccional que une feminismo e deficiência a fim de demonstrar que as instituições, práticas, construções e discursos sociais fazem com que corpos categorizados como femininos e com deficiência sejam alvo de, no mínimo, uma dupla desvantagem, por um lado pela sociedade patriarcal e por outro pela corponormatividade. Os estudos feministas também nos mostram que o esporte é uma arena marcada por corpos masculinos, seus sentidos, objetivos, organização e experiências são construídos e valorizados como atributos de formas dominantes da masculinidade na sociedade. E nesse sentido os discursos midiáticos ajudam a definir, normalizar, influenciar e refletir os valores dominantes.

No esporte, as mídias sociais e a Web 2.0 transformaram a interação entre torcedores, ou fãs de esporte, e seus ídolos. As novas ferramentas dão ao usuário a oportunidade de revelar informações e perspectivas que de outra forma não estariam disponíveis. Esta pesquisa se situa nos debates sobre o potencial das mídias sociais em dar visibilidade a paratletas, uma vez que elas têm menos cobertura midiática que homens e que atletas sem deficiência. Buscamos assim explorar as formas de autorrepresentação feitas por duas atletas paralímpicas, uma brasileira e uma norte-americana, no Instagram entre agosto e setembro de 2021, focando em suas representações relacionadas à tríade: gênero, deficiência e esporte.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao considerar que a deficiência é uma categoria culturalmente construída produzindo sentidos através das diferenças corporais, percebemos que gênero e deficiência funcionam como sistemas de opressão, ou seja, estão inseridos, enquanto grupos oprimidos, em relações de poder.

Isso nos leva a pensar deficiência e gênero como significantes culturais, “Juntos, os sistemas de gênero, raça, etnicidade, sexualidade, classe, e capacidade [deficiência] exercem imensa pressão social para moldar, regular e mobilizar corpos subjugados” (Garland-Thomson, 2004, p. 80, tradução nossa).

Entendemos que essas opressões ficam ainda mais latentes quando essa mulher está inserida no âmbito esportivo, pois ela enfrenta barreiras associadas ao fato de ser mulher com deficiência em um mundo masculino, corponormativo e heteronormativo. Bruce (2013) analisou 20 anos de pesquisa e sugere que a cobertura esportiva resume-se a: marcar o gênero (seleção feminina de futebol x seleção de futebol), heterossexualidade compulsória (silenciamento da identidade LGBTQIA+), feminilidade apropriada (características físicas e psicológicas que diferenciam mulheres e homens), infantilização (meninas), sexualização, foco em aspectos fora do âmbito esportivo (esposa, personalidade, aparência física) e ambivalência (oscilação entre valorização e trivialização).

As atletas com deficiência são enquadradas de forma assexual através do processo de infantilização e trivialização com representação de dependência passiva e infantil e falta de autonomia (Ferri; Gregg, 1998). Contudo, a partir de Londres 2012, em sintonia com a mercantilização do espetáculo paralímpico, percebe-se uma cobertura mais sexualidade e generificada muito semelhante ao esporte olímpico, com por exemplo a revista inglesa FHM publicando a sessão *Hottest Female Paralympians* (Atletas Paralímpicas mais belas) e o jornal *Daily Mirror's* publicando uma lista das *Sexiest Female Paralympians* (Atletas Paralímpicas mais sexys. De acordo com Pullen e Silk (2020) essas listas de beldades levantam questões sobre deficiência, esporte e sexualidade, com foco nas ideologias de heteronormatividade compulsória.

As mídias sociais por sua vez permitem que essas pessoas lidem diretamente com a sociedade, com possibilidades de concordar, contrapor ou complementar o que é divulgado pelos meios tradicionais (Sanderson, 2010). No esporte, as mídias sociais e a Web 2.0 transformaram a interação entre torcedores, ou fãs de esporte, e seus ídolos. As novas ferramentas dão ao usuário a oportunidade de revelar informações e perspectivas que de outra forma não estariam disponíveis.

METODOLOGIA

O *corpus* dessa pesquisa foi composto da seguinte forma: primeiro buscamos a lista de atletas brasileiras e norte-americanas que conquistaram medalha nos últimos Jogos em esportes individuais; dessas identificaremos aquelas que possuem perfil no Instagram e que são ativas nessa rede social online; finalmente escolhemos as duas com maior número de seguidores: Raíssa Rocha (brasileira, cadeirante, compete no

lançamento de dardo); Anastasia Pagonis (norte-americana, cega, compete na natação). Analisamos todas as postagens publicadas no feed entre agosto e setembro de 2021, período que compreende a realização dos Jogos Paralímpicos de Tóquio-2020⁴. Utilizando o método da análise de conteúdo buscamos compreender como e com que frequência essas atletas acionam as categorias de gênero, deficiência e esporte.

RESULTADOS PRELIMINARES

Mitcheel, Wyk e Santarossa (2021) afirmam que investigar as formas com que atletas paralímpicos utilizam as mídias sociais para se autorrepresentarem é importante uma vez que eles podem atingir uma audiência internacional amplificando o impacto que seus perfis têm nas percepções e atitudes acerca das pessoas com deficiência. Raíssa Rocha publicou 24 posts e 37 conteúdos (um post poderia ter mais de um conteúdo) e Anastasia Pagonis 06 posts e 17 conteúdos durante o período analisado. A maior parte das postagens foi composta por carrossel de fotos (41,6% da brasileira e 100% da norte-americana), seguido por vídeos (37,5% de Raíssa) e fotos (21%). Feehan (2019) afirma que o universo esportivo, em especial equipes, têm utilizado cada vez mais o carrossel de fotos em busca de maior engajamento, percebemos, assim que ambas as atletas utilizaram bastante esse recurso.

Em todos os conteúdos postados por Anastasia gênero, deficiência e esporte foram evocados de alguma forma. No caso de Raíssa 78,3% dos conteúdos evocaram sua identidade enquanto atleta, 70,2% acionaram características de gênero e 56,4% sua deficiência.

Ambas as atletas reforçam padrões de beleza e feminilidade ao mobilizarem sua faceta identitária de gênero. Ao se apresentarem como mulheres a brasileira e a norte-americana tenderam a produzir conteúdos que chamavam a atenção para a performance feminilizada/sexualizada, como por exemplo imagens das atletas de biquini ou roupas reveladoras em poses sensuais. Além disso as paratletas em diversos posts usavam maquiagem e cabelos em penteados. Para exemplificar essa representação podemos citar uma foto em que Raíssa está maquiada, com os cabelos arrumados, vestindo um sutiã de renda preto e um casaco de couro e olha para a câmera de forma sedutora, ou ainda o *making of* de um vídeo publicitário em que a mesma atleta segura alguns produtos de

⁴ Os Jogos Paralímpicos de Tóquio aconteceram entre 24 de agosto a 05 de setembro de 2021 por conta da pandemia de Covid-19.

beleza, veste apenas uma camisa de botão comprida e posa sensualmente para as lentes de um fotógrafo.

Como apontam Pullen e Silk (2020) a partir de Londres 2012, em sintonia com a mercantilização do espetáculo paralímpico, percebe-se uma cobertura mais sexualidade e generificada muito semelhante ao esporte olímpico. Muitas vezes as autorrepresentações também perpetuam a ideia de que elas são primeiro mulheres e depois atletas, porém essas ideias de feminilidade estão extremamente atreladas às noções patriarcais e até machistas, de gênero. Barnett (2017) que analisou a autorrepresentação de atletas em suas páginas pessoais na web concluiu que as atletas por um lado detalham o rigor e o sacrifício a que precisam se submeter nos treinos e competições ao mesmo tempo que mantém seus papéis como objetos sexuais, mães e cuidadoras.

Vários trabalhos que acionam a cultura digital feminista, mostram que mídias sociais, como o Instagram, recompensam aquelas que se apresentam de acordo com as políticas de gênero. Alguns estudos que focam nas representações de mulheres com deficiência (Toffoletti, 2018) apontam que a deficiência é gerida através da intensificação de normas, a fim de se aproximarem dos padrões de beleza.

Com um físico que notadamente se conforma com os padrões ocidentais cisgênero de beleza a paratleta Anastasia Pagonis reforça sua identidade não apenas como mulher, mas como uma mulher bonita e desejável, através de sua imagem, mas também pelo uso da *#model* (*#modelo*). Diferentemente de Raíssa, que apresenta sua deficiência de forma imagética pela presença de sua cadeira de rodas e em alguns casos com suas pernas desnudas, Anastasia que possui um tipo de deficiência visível apenas através de tecnologias assistivas introduz-se como pessoa com deficiência apenas no uso de hastags (*#blind*; *#disabilities*). Ao mesmo tempo que a representação da norte-americana transmite a ideia de que seu corpo com deficiência pode ser bonito, sexy e elegante, por outro aponta representa a performance da passibilidade, uma vez que ela invisibiliza sua deficiência. Esse corpo é representado como aquele que pode fazer tudo o que os corpos sem deficiência podem fazer e tendem a se assemelhar também a representações estéticas desses últimos.

Pullen, Mora e Silk (2023) apontam que se por um lado há a feminilização das imagens postadas por essas atletas, por outro elas utilizam de suas tecnologias assistivas como próteses e cadeiras de rodas como forma de reforçar os efeitos sexuais e de gênero

das imagens produzindo a “estética protética” de gênero. Em nossos dados percebemos que tal é corroborado pelas postagens de Raíssa, mas não de Anastasia.

Outra diferença apresentada na análise das postagens das atletas refere-se à forma que ambas apresentam suas identidades enquanto atletas. Em 70% das postagens Raíssa posava em algum contexto esportivo, e em 78% usava o uniforme da seleção. Já Anastasia posava fora do contexto esportiva em 70% do conteúdo e usava o uniforme dos Estados Unidos em 23,5%, na maioria das postagens (41%) trajava roupa de banho.

Isso nos leva a concluir que a brasileira se representa primeiro como atleta, reforça os padrões de feminilidade sem, no entanto, esconder sua deficiência; enquanto a norte-americana opta por focar em sua identidade enquanto mulher.

REFERÊNCIAS

BARNETT, B. Girls gone web: Self-depictions of female athletes on personal websites. **Journal of Communication Inquiry**, v. 41, n. 2, 2017, p. 97-123.

BRUCE, T. Reflections on communication and sport: On women and femininities. **Communication & sport**. v., 1, n. 1-2, 2013, p. 125-137.

FEEHAN, B. Social Media industry landmark report. 2019. **RivalIQ blog**. Disponível em <https://www.rivaliq.com/blog/2019-social-media-benchmark-report/>. Acesso em 05 Mar. 2023.

FERRI, B.A.; GREGG, B., Women with disabilities: missing voices. **Women’s studies International forum**, v. 21, n. 4, 1998, p. 429-439.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Integrating Disability, Transforming Feminist Theory. In: SMITH, Bonnie. G.; HUTCHISON, Beth (Eds.). **Gendering Disability**. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004. p. 73-103.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Integrating Disability, Transforming Feminist Theory. In: SMITH, Bonnie. G.; HUTCHISON, Beth (Eds.). **Gendering Disability**. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004. p. 73-103.

GERSCHICK, Thomas J. Toward a Theory of Disability and Gender. **Signs**, v. 25, n. 4, p. 1263-1268, 2000.

MITCHELL, F. R.; WYK, P. M. V.; SANTAROSSA, S. Curating a Culture: The Portrayal of Disability Stereotypes by Paralympians on Instagram. **International Journal of Sport Communication**, 2021, 14, p. 334-355.

PULLEN, Emma; MORA, Laura; SILK, Michael. Paralympic cripvertising: On the gendered selfrepresentations of Paralympic athletes on social media. **New media & society**, n. 0, v. 0, 2023, p. 1-18.

PULLEN, Emma; SILK, Michael. Gender, technology and the ablenational Paralympic body politic. **Cultural Studies**, v. 34, n.3, 2020, p. 466-488.

SANDERSON, Jimmy. Framing Tiger's Troubles: Comparing Traditional and Social Media. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 4, p. 438–453, 2010.

TOFFOLETTI, K Sport, postfeminism and women with disabilities: female paralympians on social media. In: Toffoletti K, Francombe-Webb J and Thorpe H (eds) **New Sporting Femininities**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018, p. 253–275.